

## SESSENTA ANOS DO CURSO DE FILOSOFIA: MINHA MEMÓRIA DE 59 ANOS ATRÁS

Maria Matilde Corrêa Hosannah da Silva <sup>1</sup>

Sessenta anos do Curso de Filosofia da Universidade Federal do Amazonas. Evento a ser comemorado de muitos modos. Quero comemorar ao meu jeito, dizendo algo sobre o primeiro ano de Faculdade, minha escolha pelo Curso de Filosofia e louvando um dos mais antigos professores desse Curso sexagenário.

Fiz parte da terceira turma em 1963. Tempos difíceis pelos que passamos ao que me vou referir em outro momento. Não neste escrito.

O ano de 1963 foi já um ano complicado. Entre os jovens, o desejo de mudança era sonhado e exigido. Lembro perfeitamente do brado dos estudantes cantando: “Reforma Agrária, Tributária e Bancária”. Anos antes, em 1961, Jânio Quadros renunciara e João Goulart assumira a Presidência da República. Em 1963, ano em que comecei minha vida universitária, houve um Plebiscito para escolher entre o Parlamentarismo e o Presidencialismo. Tal Plebiscito foi consequência da crise instaurada com a renúncia de Jânio e a assunção de Goulart. Fora previsto para 1965, mas o próprio Goulart conseguiu, fosse antecipado para 63. O resultado do Plebiscito foi a volta ao Presidencialismo. No entanto, muita gente não gostou do resultado das urnas. Estava instaurada uma crise que se arrastou por mais de ano, resultando nos acontecimentos de abril de 1964. Nessa época já estava cursando o segundo ano de Filosofia em Fortaleza.

O Curso de Filosofia agregara muitos jovens e também senhores procurando refletir sobre a sociedade e os problemas brasileiros. Já no meu primeiro ano de estudo, em 1963, a segunda turma procurou enfrentar esses problemas com a criação do Diretório Acadêmico.

Eu já não estava mais em Manaus, quando foi fundado o Diretório Acadêmico “Aristóteles de Estagira”, dos alunos do Curso de Filosofia. As informações que trago eu soube por meio da minha irmã Maria José Corrêa Hosannah da Silva, aluna do terceiro ano do Curso e secretária do Diretório. Estava à frente desse grupo, Jorge Humberto

---

<sup>1</sup> Professora aposentada do Curso de Filosofia da UFAM. Após a sua aposentadoria continuou contribuindo para a docência superior no Estado do Amazonas, primeiro como docente no Centro Universitário do Norte (UNINORTE), depois como tutora de vídeo no Centro de Educação a Distância (CED) da UFAM.

Barreto, mais tarde Professor e Diretor da Escola Técnica Federal do Amazonas. Nesse Diretório foi fundada uma Biblioteca básica com livros cujo tema era a Filosofia.

Um problema sério nessa época de início do Curso foi justamente a bibliografia. Tínhamos livros de História da Filosofia como os quatro volumes de Johannes Hirschberger, a História da Filosofia de Padovani, um sumário bem concatenado das principais ideias constantes da História da Filosofia e alguns outros. Quem tinha amizade com os Padres, poderia frequentar a biblioteca do Seminário São José, muito rica para a época. Quem não tinha essa possibilidade ficava mesmo com as Histórias da Filosofia compradas nas livrarias de Manaus. Mais tarde, quando regressei a Manaus, encontrei uma biblioteca particular muito boa da minha irmã Maria José, que lecionara no Curso de Filosofia, mas infelizmente não quis continuar como professora, embora, para mim, tenha sido uma das pessoas mais competentes nessa área de estudo.

Este texto relativo ao primeiro ano de Faculdade é de uma singeleza sem igual. Flui do coração e da memória, esse dom humano sem o qual não saberíamos quem somos; sem o qual não teríamos a fala nem a escrita. E essa memória é impressionante, pois passados 58 anos, tudo o que aqui escrevo está fixado em minha mente a partir da minha escolha; dos antecedentes dessa escolha; das aulas de Introdução à Filosofia em 1963.

### **A escolha do Curso de Filosofia**

Eu tinha quinze anos. Estava no primeiro ano do então chamado Segundo Grau. Foi em 1960. Novos cursos apareciam na projetada Faculdade de Filosofia do Amazonas, cursos que tiveram seu início em 1961: Filosofia, Pedagogia, Química e Matemática. Novas opções aos alunos foram descortinadas, além dos Cursos de Direito, Economia, Serviço Social, Cursos já existentes. Para mim, passariam ainda mais dois anos para a escolha do que deveria seguir. Mas dois anos escoam muito rapidamente.

Começou o ano de 1962, ano em que me formei nos Cursos, Pedagógico e de Contabilidade no Colégio Santa Dorotéia. O que escolher é a questão. Pensei bastante e escolhi Filosofia.

Em 1962 li um livro que marcou minha escolha, “As Grandes Amizades”, autoria de Raïssa Maritain, filósofa ucraniana judia, casada com Jacques Maritain, também filósofo e professor em várias Universidades no mundo. Nesse livro Raïssa narra a relação do casal com grandes nomes do pensamento francês. Raïssa fora atea e converteu-se ao catolicismo, acompanhada de seu marido.

Jacques Maritain, no início de sua trajetória filosófica seguiu Spinoza, depois teve clara influência de Henri Bergson, mas percebeu que a tendência de fins do século XIX e início do século XX eram o irracionalismo e o panteísmo, contra os quais lutou, constituindo essa luta na sua Filosofia, que cresceu e atingiu o ápice no século XX. Raïssa, que sempre colaborou com Jacques na construção do seu pensamento, narra brilhantemente essa história e a amizade ou as amizades que surgiram entre grandes pensadores e o casal, como Léon Blois, Charles Péguy e outros. No livro pode-se perceber a luta do casal contra o positivismo reinante na Sorbonne e a busca de algo mais metafísico, encontrando esse caminho na Filosofia de Henri Bergson. Sob a influência de Léon Blois, Jacques e Raïssa tornam-se católicos. Conhecem o Tomismo e, por meio de Tomás de Aquino, conheceram a filosofia de Aristóteles. A partir daí afastam-se de Bergson (confesso que sempre admirei a filosofia bergsoniana) e passam a dar um tom bem moderno ao tomismo. Jacques Maritain passa a lecionar em várias Universidades Católicas e, após a morte da esposa, entra para uma Congregação de Irmãos onde morreu.

Acho importante para este escrito essas informações, pois foi a leitura do livro “As Grandes Amizades” e o que se referia ao pensamento de Maritain um dos meios importantes para minha escolha do Curso de Filosofia.

Logo após concluir o Segundo Grau embarquei para Santos onde completei meus 18 anos, acompanhada de minhas irmãs e dos livros de estudo para o Vestibular a que deveria me submeter ao regressar a Manaus. O Vestibular era em quase nada parecido ao certame de hoje: Português, Francês e História da Filosofia eram as disciplinas.

Constava de uma prova escrita de cada uma das Disciplinas acima e, em seguida, prova oral das mesmas. Passei no Vestibular, entreguei meus documentos para matrícula e assim comecei a vida universitária.

A Faculdade funcionava na Rua José Paranaguá, ao lado do antigo DETRAM e da antiga Polícia Militar, bem perto da minha casa.

As aulas começaram e fiz parte de uma turma extremamente simpática. Dessa turma saíam cinco professores que mais tarde abrilhantaram o Corpo Docente da Universidade Federal do Amazonas, Professoras Maria Hercília Tribuzzi, Geralda Guimarães, Freida Bittencourt, Regina Bessa Freire, Marluce Sousa e uma sexta professora, eu.

A Professora Regina preferiu lecionar no Departamento de Ciências Sociais e a Professora Marluce, tendo cursado Línguas Estrangeiras, passou a lecionar, mais tarde,

no Departamento de Línguas Estrangeiras. As três primeiras citadas e eu ficamos ligadas ao Departamento de Filosofia.

Lembro que a grade curricular do primeiro ano (não tínhamos o regime periódico, mas anual) era constituída de Introdução à Filosofia, História da Filosofia Antiga, Lógica I e Psicologia Geral, cujos professores foram: de Filosofia Antiga, Professora Neide Ferreira, substituída ao segundo semestre pelo Professor Josef Anton Dörner; de Lógica, Professor Padre Luís A. de Lima Ruas que também lecionava Psicologia Geral.

O nosso Professor de Introdução à Filosofia foi o Professor João Bosco Bezerra de Araújo e é sobre ele que quero falar com gratidão. Há uma razão importante para isso. Na verdade, foram poucos os professores da minha graduação que marcaram meus estudos e minha aprendizagem. Entre esses, dois professores se sobressaíram, justamente o João Bosco e uma amazonense que iniciara o Curso de Filosofia aqui em Manaus, uma turma antes da minha e terminara o curso em Fortaleza, Professora Dra. Mirtes Amorim, vindo a ser minha professora quando me desloquei para o Ceará, onde passei seis anos e lá continuei a faculdade, embora eu tenha terminado o curso na Universidade Federal do Amazonas. O excelente Professor Dörner passou pouco tempo lecionando no primeiro ano e, quando regressei de Fortaleza quis ser aluna ouvinte da disciplina por ele ministrada, Filosofia Geral, cujo tema foi Metafísica, disciplina já cursada em Fortaleza. Aprendi muito com ele, mas já estava mais amadurecida, diferentemente do que o Professor Bosco fundamentou, quando estava ainda iniciando.

Recordo das aulas ministradas pelo Professor João Bosco como se fosse hoje. Foram temas que alicerçaram minha vida acadêmica e quero me referir a eles e sua atualidade.

São quatro temas que transcrevo como me ocorrem à mente. Não fui aos compêndios ou às anotações, até porque não sou dada a diários ou a cadernetas de notas. Está guardado na memória como fundamento do que elaborei depois em novos estudos. Revela o poder de uma excelente didática por parte de um dos mais antigos professores do Curso.

Aos 18 anos e a cabeça formada em princípios cristãos estava eu sentada junto aos colegas a absorver os ensinamentos filosóficos em nível introdutório, talvez, ou melhor, com certeza, confundindo alguns conceitos. Como conhecia o Professor, eu não tinha vergonha de perguntar e expressar meu entendimento. Ele estava discorrendo, em uma das aulas, sobre o Ser de Parmênides e a partir dos atributos desse Ser indaguei sobre a sua natureza, já que as características eram, em parte, semelhantes às do Deus judeu-

cristão. Meu professor percebeu a confusão que, creio eu, era a mesma de alguns outros colegas também. Essa percepção foi importantíssima, porque, de imediato corrigiu um entendimento equivocado de minha parte.

Foi então que conceitualmente foi me dada, pela resposta do professor, a compreensão da Filosofia como um pensar “laico”, sem compromisso com qualquer fé. Foi uma aula e aprendizagem inesquecíveis. Essa confusão sempre quis desfazer em meus alunos quando professora. Expressar a liberdade do pensamento filosófico quanto a qualquer “amarra” de fé, ou de ideologia que o dogmatize.

Ficou claro, entretanto, que pode haver uma Filosofia da Religião e uma Filosofia que leve em conta os Fundamentos de uma determinada Religião. Mesmo assim, o discurso filosófico se dá por meio de raciocínios demonstrativos e não como uma catequese ou pastoral. Mais tarde, ao chegarmos à Filosofia de Descartes meu Professor lembrou essa aula, relativa ao Ser de Parmênides e retomou a explicação na mesma linha de raciocínio a partir do conceito sobre a Substância Divina e a existência de Deus como um argumento racional que garante a existência das outras substâncias, a *res cogitans* e a *res extensa* (digamos: a “coisa pensante” e a “coisa extensa”). Explicou o mestre que Descartes não quis dar uma lição de religião, nem justificar uma fé específica, mas construiu sucessivamente dados racionais explicativos da realidade até chegar a um dado racional garantidor de um discurso meramente racional. Fiquei impressionada com a lógica interna do discurso cartesiano, embora só tenha percebido os laços entre as razões de Descartes, muitos anos depois. Contudo, sem essa compreensão introdutória, teria perdido muito tempo para ter a clareza da filosofia.

Outro tema inesquecível foi o relativo aos Valores. Primeiramente a teoria apresentadas foi a de Max Scheler, para quem as preferências dos homens em suas escolhas não são arbitrárias.

Quero salientar que essas aulas estão vivas na minha memória da qual estou extraíndo com gosto o que ficou na mente. Uma memória desses 61 anos do Curso de Filosofia da UFAM (para mim, 58 anos de memória), já que esse professor lecionou desde os primórdios do curso. O professor João Bosco poderá até corrigir minhas lembranças.

As explicações sobre a Filosofia kantiana (e o professor João Bosco é um apaixonado por Kant) são um capítulo à parte, por isso deixarei de lado nesta memória.

Tendo já estudado sobre Kant e o “dever”, chegar a Scheler com critérios mais palpáveis, e a um tema ligado às fases da vida humana, como tendências, objetivos e valores, foi chegar a um tema mais atual. É bem verdade que os valores em Scheler são

objetivos e *a priori*, mas há um caráter emocional na teoria de Max Scheler que atraiu a atenção. A apreensão dos valores é emocional e aprendida.

Graças aos estudos do *cogito* cartesiano (eu puro), pudemos entender a “emoção pura” a que Scheler se refere na apreensão dos valores, que são aprendidos, conhecidos e hierarquizados.

O tema partiu da existência de uma atração que nos leva a preferir algo e preterir outros objetivos. Foi-nos apresentada uma hierarquia de valores segundo Scheler, em que os valores úteis estão no degrau mais baixo da escala, seguido pelos valores vitais, os estéticos (culturais) os éticos, os lógicos e, no topo da hierarquia, o valor religioso. É preciso ter vivido para conhecer os valores e apreender o que valem, pois o valor não é um ente; a esfera ôntica dos valores refere-se ao seu VALER. Muitos exemplos foram dados de preferências vitais sobre a utilidade, preferências morais sobre valores estéticos e até religiosos sobre os valores hierarquicamente inferiores.

A partir da referência a um ponto imaginário de indiferença total, de um lado teríamos preferências às quais damos o nome de “valor” e do outro lado o não-valor, o contra valor. Por exemplo, aos bens úteis se contrapõem os bens inúteis e assim por diante.

Pela aprendizagem, pelo conhecimento e hierarquização o *ethos* individual é construído e vivenciado.

Mas meu Professor, tendo nos entusiasmado com Scheler, não quis ficar só nessa teoria e apresentou-nos o Utilitarismo de Jeremy Bentham.

Bentham é contratualista. O homem deve viver no mundo dos fatos. É útil para ele o contrato expresso na lei. Bentham trabalha a Filosofia do Direito. E a Justiça, para ele, é fundamentada na utilidade. Há também em sua Filosofia uma escala de valores baseada na preferência, porém essa preferência não é como a postulada por Scheler, de um valor objetivo e *a priori*, mas de algo muito individual, “o prazer”. Assim, bom será o prazer e mau a dor ou a falta.

A maior quantidade de bem sobre o mal é um cálculo valorado em cada ato na sociedade para que haja maior prazer quantitativo e menor desprazer quantitativo. O que é melhor: satisfazer a fome de mil indivíduos ou a de dez indivíduos, eis uma questão importante. Hoje percebemos que muito atual, contra a qual as Políticas públicas lutam, tentando igualar as satisfações entre os indivíduos de uma determinada sociedade e também no mundo inteiro, por meio das Organizações Internacionais.

Quero dizer que, à época, fiquei mais entusiasmada com a simplicidade (só mais tarde vi que essa vertente filosófica não era nada simples, pois deu origem a outras ideias) do Utilitarismo tanto em Bentham, quanto em John Stuart Mill. Foi-me respondido que isso tinha uma razão de ser. O Utilitarismo é pragmático e a quantificação do bem em relação ao mal é mais palpável. Como jurista, Jeremy Bentham oferecia bases palpáveis para julgamentos jurídicos e escolhas morais.

Uma estudante de Filosofia, nos primeiros passos, estará mais propensa a entender Bentham que mesmo Max Scheler.

Outro assunto que me vem à mente é o Existencialismo. Nos idos da década de 60 do século XX era difícil não se ver um jovem atraído pelo Existencialismo. Os filmes, os romances da época, as canções tinham um tom que provinha do Existencialismo (até a Chiquita Bacana era existencialista). Claro ter havido certa incompreensão ou mesmo ignorância, como a do colega que usava meia de uma cor em um pé e de outra cor em outro pé dizendo que isso exprimia a liberdade, segundo o Existencialismo. Até os filmes brincavam com o Existencialismo. Lembro-me de um, cujo nome não me recordo, em que o namorado leva sua amada a conhecer a noite em Paris. Numa *Boîte* canta-se uma música muito bonita. A moça olha para uma mesa e vê um homem chorando, mas em uma segunda mesa outro ri em gargalhada. Ela pergunta: - Por que aquele homem chora e o outro ri. A resposta do namorado foi simples: - Meu amor, isso é Existencialismo, você recebe a música com emoções segundo sua vivência e estado de espírito. Essa ignorância sobre uma Filosofia séria e profunda foi um ponto a ser explicado nas aulas. E jovens anseiam, aspiram pela liberdade. Sartre, por exemplo, diz o homem como um escravo da liberdade. As atenções dos alunos estavam todas voltadas para essa nova aprendizagem.

O início do tema foi focado justamente sobre a ignorância de uma Filosofia séria e profunda.

Das aulas sobre o Existencialismo recordo as que, inicialmente, tomaram como foco a Filosofia de Heidegger. Claro, um nível bem introdutório. Vejamos do que me recordo.

Segundo Heidegger a existência humana precede a sua essência. A essência do homem se dá na sua existência e a existência é sempre individual. A expressão alemã como Heidegger se refere ao homem é *Dasein* traduzida como “o ser aí”, expresso na possibilidade de realização de uma existência autêntica ou falsa. O mundo da existência é prático, tomado como o meio das possibilidades; em outras palavras, um “Projeto” ou

pro-jeto. Projetar é se “jogar” nas possibilidades. Sendo assim, estamos “jogados para o futuro”. Nosso dia-a-dia, nossa hora-a-hora é sempre uma ocupação antecipada, ou seja, uma pré-ocupação.

O homem vive pré-ocupado com o futuro. E sendo o mundo o meio das preocupações ou ocupações antecipadas e o mundo inclui os outros, o homem percebe-se um ser-com-os-outros. Como é o indivíduo que escolhe sua autenticidade ou inautenticidade, ele se vê “entre” o medo e a solidão, o abandono e as escolhas. Pela primeira vez, a partir dessas aulas eu entendi o solipsismo, como uma teoria que afirma a realidade do “eu” como o que importa fundamentalmente.

Porém, de que modo entender o ser-com-os-outros ou a alteridade e o solipsismo na mesma consciência, bom, isso é uma questão muito profunda que só vim entender muito depois. Creio que ainda não estávamos prontos para compreender uma das doutrinas filosóficas mais difíceis. Porém, a base estava dada. Mais tarde, tivemos condições de enfrentar melhor a Filosofia de Heidegger.

Sempre projeto, o homem não se completa. Está sempre entre escolhas que se dão no tempo. A angústia da complementação o remete à morte, quando não será mais existente. Por isso, a angústia fundamental é se saber como um ser-para-a-morte.

Produzindo-se no pro-jeto e produzindo objetos, confere a essa produção significados.

Como nível introdutório, creio que, aos 18 anos de idade aprendi muito sobre esse filósofo. Heidegger foi um filósofo que li, mas nunca ousei aprofundar. Entendo, entretanto que construiu uma filosofia muito profunda e importante, para o século passado e para a História da Filosofia.

Agora sou eu mesma a dizer alguma coisa. Creio que Heidegger deve algo a Santo Agostinho. O tema da preocupação é claro nas “Confissões” esse e o tema do “projeto” também foram temas tratados na filosofia agostiniana. Outros devem a Agostinho suas ideias. Bergson com sua *La durée*, Sartre e algumas linhas de *O Ser e o Nada* são reflexos de Agostinho. Seria bonito se a Agostinho tivessem se referido como fonte dessas ideias.

Por fim, entre minhas recordações chego a um tema novo para a época: a questão linguística. Foi-nos apresentada pela vez primeira a relação significado e significante. Lembro pouco dessa aula de que não foi exigido o conteúdo para a prova e, de fato, foi só uma rápida informação em que o professor falou sobre palavras cujo significado real depende do tempo e do espaço e essas palavras, ditas por ele como exemplo são: ‘aqui’ e ‘agora’. Ambas dependem do momento em que são proferidas. O meu ‘aqui’ pode não

corresponder ao seu ‘aqui’ e o meu ‘agora’ pode não corresponder ao seu. O ‘aqui’ e o ‘agora’ de um texto são diferentes dos de outro texto. Com essa “simples” informação novos horizontes se descortinaram para mim. Horizontes aos poucos ampliados, os quais foram sendo lentamente estudado e me enriqueceram bastante.

Por que este texto tão singelo é uma pergunta válida. Se Kant disse que na ação moral o fundamento é a “boa vontade”, que os exemplos são “mistifórios” ou complicações confusas, eu digo, ainda me apoiando em Kant, que se adquire a “boa vontade” ornando a mente nos exemplos aprendidos, admirados e até venerados. Não como pura repetição, mas reflexão sobre. Pois o mesmo Kant disse que o homem é o que a educação faz dele. O professor educa e o aluno aprende. Relatar aulas recebidas há 58 anos é algo incomum. Isso aconteceu porque as aulas foram o que devem ser todas as aulas e o professor, ah! O Professor, excelente!

Cinquenta e oito anos depois dessas aulas o meu Professor outro dia, antes do isolamento da pandemia, deu-me uma nova lição, lição renovada há muito pouco tempo no mesmo local: encontrei-o em um supermercado e na alegria dos encontros eu percebo algumas sacolas de algodão em seu carrinho de compras. Meu querido mestre não usa as sacolas de plástico. Respeitando a ecologia usa as de algodão.

Infelizmente essa lição eu não aprendi ainda.

Obrigada Professor João Bosco Bezerra de Araújo!